

# Meditações geográficas sôbre a América

HILGARD O'REILLY STERNBERG  
Consultor técnico do C.N.G.

PIERRE DEFFONTAINES, "Meditaciones geográficas sobre América", *Estudios Americanos*, Vol. III, N.º 10, Sevilla, 1951, pp. 315-327.

Valorizada por quatro sugestivos desenhos, frutos da habilidade artística que DEFFONTAINES há poucos anos descobriu em si mesmo, a brochura *Meditaciones geográficas sobre América* reúne algumas páginas leves que se lêem com agrado. As idéias são apresentadas com penadas largas e desembaraçadas, resultando um texto caracterizado pela mesma liberdade de expressão, idêntico desapêgo de pormenores que são a marca das gravuras que o ilustram. Eis como se pode resumir o conteúdo do pequeno trabalho:

A geografia do velho mundo se estende, por assim dizer, na direção dos paralelos, fato que, para o autor, viria repercutir na trama psicológica dos povos da Eurásia, acostumados aos deslocamentos no sentido da marcha do sol — haja vista as grandes invasões e as migrações de povos. Os iberos, como também os franceses, são, assim, os homens dos *finis-terrae*, habitantes da borda do continente, onde êste se debruça sôbre o vazio do mar.

Já não são as mesmas a disposição física nem as atitudes mentais que caracterizam o Novo Mundo. A América é o único continente que, a um tempo, estabelece contacto com o Ártico e, por prolongamentos apenas parcialmente submersos, com a Antártida. O relevo se alonga em faixas esticadas na direção norte-sul: a oeste, a grande cordilheira integrada pelas Rochosas e pelos Andes, a mais extensa do mundo, a leste, as velhas montanhas mais ou menos rejuvenescidas; e, ocupando posição axial a depressão central. Como uma notável exceção, as grandes vias de drenagem também seguem a direção dos meridianos, sendo relativamente fácil a intercomunicação de bacias assim orientadas, como entre a região dos Grandes Lagos e a bacia do Mississipi; entre o alto Guaporé e o alto Madeira. Também os climas se distribuem em bandas alinhadas no sentido dos meridianos. A orla litorânea do Pacífico, com poucas exceções, é sêca — veja-se a costa da Califórnia ou a costa setentrional do Chile. Ao contrário, a faixa litorânea oriental apresenta-se, por via de regra, bastante úmida — exceção feita do Nordeste Brasileiro. Assim a América se mostra ao ádvena procedente da Europa como se fôra um continente todo êle úmido, de vegetação frondosa; tanto no Canadá, como nos Estados Unidos ou no Brasil, a primeira riqueza que oferecem as costas é a florestal.

A direção norte-sul que marca de maneira tão acentuada a geografia física americana, se reflete também na história da ocupação humana. A esta altura, DEFFONTAINES distingue, aliás, duas geografias do homem — uma pré-colombiana; outra caracterizada pela presença da cultura européia. Os povos indígenas seguiram essencialmente a direção dos meridianos. Vieram, em sua maioria, do norte, através do estreito de Bering, deslocando-se progressivamente para o sul.

Os europeus chegados à América traziam consigo a velha concepção euro-asiática dos deslocamentos de leste para oeste. Tal condicionamento viria determinar na América do Norte a constituição dêsses "estranhos estados orientados segundo os paralelos" que vão de um oceano a outro (Canadá, Estados Unidos e México). Estados essencialmente anti-geográficos, escreve DEFFONTAINES, limitados por fronteiras artificiais, astronômicas. A América do Sul não foi atacada no mesmo grau pela obsessão da marcha para oeste. Abordada pelo Norte, deixaram-se guiar os seus conquistadores pelas antigas direções indígenas; de Cartágena a Lima, a Córdoba e, mais tarde, a Buenos Aires.

DEFFONTAINES assinala ainda uma interessante oposição entre a geografia humana primitiva e a dos tempos presentes. Na primeira, pré-colombiana, as civilizações superiores estão associadas às grandes altitudes, como se pode verificar desde os Araucano do Chile aos Kwa Kiutl da Colômbia Britânica, passando pelos Inca, Asteca e Quíchua; ao contrário, as montanhas menos elevadas de este permaneceram em níveis culturais inferiores, ocupadas

por grupos nômades. Com a chegada dos europeus, houve, por assim dizer, uma inversão na polaridade da civilização; as cidades mais antigas — Quebec, Boston, Olinda, Salvador — se contrapunham aos antigos países indígenas das cordilheiras ocidentais. Foi pelo Atlântico, pelo oriente, que a América começou a rápida evolução que a converteria em uma das grandes reservas da civilização européia.

Os últimos parágrafos do ensaio referem algumas das mutações que viriam a sofrer as culturas dos europeus transmigrados, em contacto com as novas terras — v.g. o pequeno agricultor e o criador dos “bocages” franceses, convertidos em caçadores de peles dos grandes espaços canadenses; escoceses transformados em produtores de algodão na Virgínia, etc. Foram criados novos tipos de vivenda e transporte e elaboradas novas formas do povoamento — o *homestead*, as sesmarias e as reduções são formas do novo continente. Do ponto de vista psicológico, conclui DEFFONTAINES, também foram consideráveis as transformações: “Um novo espírito, nascido da fé no êxito contínuo, constitui esta atmosfera da América triunfante que caracteriza o Novo Mundo.”